**GIROS APRESENTA**

**UMA COPRODUÇÃO GLOBO FILMES, GLOBONEWS E CANAL BRASIL**

**MENINO 23**

 Infâncias Perdidas no Brasil

*Documentário baseado na tese de Sidney Aguilar Filho*

79 min (duração) | Plano | Dolby 5.1

**Site: www.menino23.com.br**

**fb.com/menino23filme/**

**twitter.com/menino23filme**

Realização Distribuição Coprodução Patrocínio

    

**DEPOIMENTOS**

**Aloísio Silva** (o “menino 23”)

**Argemiro Santos**

**Dona Nenê –** Esposa Argemiro

**Darlei dos Santos** – Filho Argemiro

**Família de José Alves de Almeida (o “Dois”):**

Reginaldo Alves de Almeida – Filho do “ Dois”

Dona Diva - Viúva do “ Dois”

Maria da Glória – Filha do “ Dois”

**Sidney Aguilar Filho** - Historiador

**Hernani Heffner** – Escritor e Especialista na História do Cinema Brasileiro

**Luis Edmundo de Souza Moraes** - Historiador Especialista em Nazismo, Antissemitismo e negação do Holocausto.

**Ana Maria Gonçalves** - Historiadora

**Tatão**: Fazendeiro

**José Luis Solazzi**: Cientista Social, Autor de "A Ordem do Castigo no Brasil".

**Ediógenes Santos**: Historiadora e Orientadora da Tese especialista em história da educação e do racismo no Brasil.

**Edson Passetti**: Cientista Político e Educador, referência na história do conceito de Menor no Brasil.

**Circe Bittencourt**: Historiadora, especialista em história da educação. É especialista em disciplinarização e militarização da infância, também responde sobre educação na era Vargas.
**José Gonçalves Gondra –** Historiador da Educação

**Residentes Campina do Monte Alegre:**

Pedro Theodoro de Camargo – Residente Campina do Monte Alegre

Carmo Lourenço Gomes - Residente Campina do Monte Alegre

João Tristão Sobrinho - Residente Campina do Monte Alegre

**FICHA TÉCNICA**

Direção: Belisario Franca

Roteiro: Bianca Lenti e Belisario Franca

Produtora: Giros

Produção: Maria Carneiro da Cunha

Produção executiva: Cláudia Lima

Edição: Yan Motta

Música: Armand Amar

Fotografia: Thiago Lima, Mário Franca e Lula Cerri

Coprodução: Globo Filmes e Canal Brasil

Distribuição: Elo Company

Patrocínio: BNDES

**SINOPSE**

A partir da descoberta de tijolos marcados com suásticas nazistas em uma fazenda no interior de São Paulo, o filme acompanha a investigação do historiador Sidney Aguilar e a descoberta de um fato assustador: durante os anos 1930, cinquenta meninos negros foram levados de um orfanato no Rio de Janeiro para a fazenda onde os tijolos foram encontrados. Lá, passaram a ser identificados por números e foram submetidos ao trabalho escravo por uma família que fazia parte da elite política e econômica do país, e que não escodia sua simpatia pelo ideário nazista. Dois sobreviventes dessa tragédia brasileira, Aloízio Silva (o “menino 23”) e Argemiro Santos, assim como a família de José Alves de Almeida (o “Dois”), revelam suas histórias pela primeira vez.

**UMA HISTÓRIA DO PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE**

Em 1998, o historiador Sydney Aguilar Filho dava uma aula sobre Segunda Guerra Mundial e nazismo para uma turma de ensino médio, em uma escola no interior de São Paulo, quando uma aluna o interpelou. Ao observar a suástica nazista, ela contou que, na fazenda onde morava, a alguns quilômetros dali, havia tijolos marcados com aquele mesmo símbolo.

A informação causou estranheza e desencadeou um longo processo de investigação e pesquisa, consolidado na tese de doutorado *Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância no Brasil (1930-1945)*, que foi defendida em 2011, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e premiada pela Capes (Coodenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Sidney estava em pleno processo de pesquisa quando foi procurado por Belisario Franca, cineasta e sócio fundador da produtora Giros. Em 2011, a equipe da produtora pesquisava temas para uma série de TV quando se deparou com reportagens que relatavam a história dos tijolos. Ao procurar Sidney, citado nas reportagens, os pesquisadores da Giros confirmaram que havia ali uma história merecedora de um documentário em longa-metragem, por revelar fatos impressionantes e até então desconhecidos da realidade brasileira.

Em busca das origens daqueles tijolos marcados com a suástica da fazenda Cruzeiro do Sul, em Campina do Monte Alegre, Sidney chegou a uma história que remontava aos anos 1930, quando 50 meninos negros foram retirados do orfanato Romão Duarte, no Rio de Janeiro (conhecido como a “Casa da Roda”), e levados para a fazenda. Lá, viveriam sob a tutela da poderosa família Rocha Miranda, com a promessa de uma vida melhor, com mais conforto e educação. No entanto, não foi bem o que aconteceu. Os meninos, negros, selecionados entre os mais ágeis para alcançar doces atirados na direção do grupo, foram submetidos ao trabalho intenso da lavoura, sem qualquer remuneração, com pouco ou nenhum acesso a escola e sem qualquer perspectiva de sair daquela situação.

O que a investigação de Sidney acabou trazendo à tona foram fatos concretos relacionados a algo que era, até então, apenas uma sombra pálida e esquecida da história do Brasil: a sintonia de setores da sociedade brasileira com o ideário nazista, nos anos 1930. Embasada por uma profunda pesquisa histórica e teórica, a tese de Sidney reconstituiu os laços estreitos entre setores da elite e o nazismo, refletidos em um projeto eugênico implementado no país.

Mais importante que os fatos históricos, no entanto, era o elemento humano: o testemunho vivo dos maltratos sofridos por aquelas crianças, que tiveram suas infâncias roubadas pela escravidão quatro décadas depois da abolição no Brasil.

Sidney chegou a Aloízio Silva, um dos sobreviventes, chamado de “menino 23”. Chegou também à família de José Alves de Almeida, conhecido como “Dois”, escolhido para trabalhar dentro da casa da fazenda, cuidando das crianças e atuando como mordomo. Aloisio e a família de José Alves de Almeida deram depoimentos detalhados, emocionantes e extremamente convincentes que corroboraram e enriqueceram a pesquisa prévia de Sidney. “Quando seu Aloísio me contou sua história, a narrativa que ele apresentava coincidia com os documentos que eu tinha encontrado. Ele falava, por exemplo, que tinha saído de uma tal ‘Casa da Roda’ no Rio de Janeiro, e eu já havia encontrado a tal da ‘Casa da Roda’, o orfanato Romão Duarte. Também já tinha encontrado os livros de entrada e saída dos órfãos, conhecia o nome da maioria dos meninos, inclusive de seu Aloízio. Então, eu tinha tudo nas mãos, e conforme ele ia contando, aquilo ia se encaixando”, conta Sidney.

Havia, no entanto, o forte desejo de encontrar uma segunda voz sobrevivente, que também pudesse narrar diretamente os acontecimentos da época e fortalecer ainda mais as descobertas já feitas. O historiador havia defendido sua tese quando a equipe da Giros encontrou Argemiro Santos, segundo sobrevivente do projeto de Cruzeiro do Sul, que morava com a família em Foz do Iguaçu.

Enquanto Aloizio permaneceu na mesma região da fazenda depois que os meninos foram liberados e dispersados, perto do fim da Segunda Guerra, Argemiro teve um destino completamente diferente. Assim que completou 15 anos, resolveu fugir, mesmo sem ter qualquer rumo ou perspectiva. Depois de habitar por algum tempo nas ruas de São Paulo, alistou-se nas forças armadas e embarcou com as tropas que foram lutar na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial. Argemiro não chegou ao *front*, mas fazia parte da banda musical e voltou como um herói, conhecido como “marujo”.

A pesquisa de Sidney e o depoimento de outros especialistas se entrelaçam aos depoimentos dos sobreviventes, imprimindo um caráter humano ao contexto histórico, políitico e social do Brasil nos anos 1920 e 1930, e procurando as razões que permitiram que um caldeirão étnico como o Brasil absorvesse e aceitasse as teorias de eugenia e pureza racial a ponto de incluí-los em sua Constitução de 1934.

A história dos meninos da fazenda Cruzeiro do Sul vem à tona em um momento em que as questões do racismo e as feridas não-cicatrizadas da escravidão mais longa do mundo (o Brasil foi o último país a abolir o regime, em maio de 1888) voltam a ser discutidas, agora com outros contornos. “O que percebo é que, agora que se passaram 30 anos do fim da ditadura militar e já vivemos alguns anos de um processo de consolidação democrática, vozes que antes não tinham espaço para falar agora são ouvidas e falam”, diz Sidney. “Então, reflexões sobre as vicissitudes da sociedade brasileira, que foram violentamente sufocadas nos momentos ditatoriais, começam a aparecer. O Brasil é o país que sangra com a escravidão mais antiga dos tempos modernos. Já passou da hora de a sociedade brasileira encontrar seus traumas, sobretudo os ligados à escravidão e ao racismo, ao patriarcado e ao machismo, e ao patrimonialismo e à concentração de riqueza e exclusão. Essas dimensões da civilização brasileira precisam ser analisadas com profundidade, para que possam ser superadas. O papel do historiador não se limita, portanto, a narrar o passado, mas também a criar as condições para que as sociedades possam se reencontrar, refletir sobre suas mazelas, e sobre seus valores e belezas também. Mas para que a beleza possa aparecer, as feridas precisam ser cicatrizadas”.

Belisario Franca, diretor e corroteirista de *Menino 23*, completa: “O racismo sempre esteve aí. Ele nunca deixou de estar. O que acontece agora é que vivemos outro momento. De fato, os direitos melhoraram, houve uma série de ganhos da sociedade civil, a melhoria de alguns parâmetros socioeconômicos é real. O acesso à educação também melhorou para várias camadas da população que não tinham esse acesso. As novas gerações questionam seus pais para que se construa um novo futuro. E também por causa disso, as pessoas estão tendo a oportunidade de conversar, de falar de uma maneira mais clara, sem botar a viola no saco, sem se intimidar de tocar determinadas feridas. Porque o brasileiro é o campeão mundial de negação. Primeiro negamos, depois vemos como fica. Negamos a violência, mas somos uma sociedade superviolenta. Negamos o racismo. Negamos que a sociedade é extremamente machista. Lentamente, agora, estamos aprendendo a falar sobre isso. E se não conhecemos nosso passado, temos dificuldades de encarar o futuro. Entender o passado é fundamental porque, na verdade, ele ainda se reflete no presente. Vemos vários traços por aí. Compreendendo aquelas mecânicas, as maneiras como a elite da sociedade se articulava lá atrás, reparamos traços que sobrevivem até hoje. E é uma maneira de se contrapor a isso, de articular novas propostas”.

ENTREVISTA / **SIDNEY AGUILAR FILHO**

*Autor da tese “Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)”, defendida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2011*

**Como você chegou ao tema de sua pesquisa de doutorado?**

Os temas de uma pesquisa histórica, ou da ciência de maneira geral, quase sempre chegam desavisadamente, espontaneamente. Dessa vez não foi diferente. Em novembro de 1998, estava dando aulas para uma turma do ensino médio no distrito de São Roque, interior de São Paulo, sobre a Segunda Guerra Mundial. Na aula sobre nazismo, uma aluna identificou, no símbolo da suástica, uma marca impressa nos tijolos da fazenda de seu pai. Aquilo me produziu um estranhamento muito grande. Como obrigação do historiador, fui averiguar, e constatei que na fazenda Cruzeiro do Sul, no município de Paranapanema, havia uma profusão de suásticas por todos os cantos. Nessa mesma visita, conversei com um funcionário da antiga fazenda, que me reportou a transferência de meninos negros da capital para aquela região, nos anos 1930. Confesso que o tema não me agradou. Na época, trabalhava com formação de professores para a educação básica e estava muito envolvido com minha pesquisa de mestrado, que discutia questões relacionadas às tecnologias da comunicação. Preferi dar notícias dos acontecidos para o principal departamento de pesquisa histórica do Brasil e segui minha vida. Vários anos se passaram e começaram a chegar notícias da morte de sobreviventes. Fui averiguar se algum outro historiador tinha dado sequência ao estudo e descobri que não. Resolvi então realizar a pesquisa.

**Como as notícias chegaram até você? Você manteve algum contato mínimo com o pessoal?**

Sim – não só mantive contato, mas depois de ter comunicado os acontecimentos, foram publicadas algumas matérias jornalísticas sobre a questão. Na época, o Tatão, um morador local com quem conversei nas pesquisas preliminares e se tornou um personagem importante do documentário, deu algumas entrevistas sobre o assunto. A história não chegou à grande mídia pela minha boca, e aquilo me pareceu estranho. Como as pesquisas sequer tinham começado e os sobreviventes começaram a morrer, eu vi por bem começar a desenvolver essa pesquisa. Antes de me aproximar dos sobreviventes, no entanto, tive o cuidado de fazer levantamentos documentais sistemáticos. Primeiro procurei verificar se havia sentido naquela história, se ela era plausível, e isso levou alguns anos. Até que a associação dos vários documentos encontrados e leituras do período me mostraram que a narrativa não era só possível, como bastante provável. Só aí parti para o contato com os sobreviventes. Quando cheguei a Campina do Monte Alegre, dois já tinham morrido. Só sobrara Aloísio Silva. Aí a pesquisa ganhou outra problemática. Lidar com memória única, para muitos, é memória nula. Então isso me levou a voltar ainda mais para os arquivos e para as documentações primárias e secundárias. Temia expor seu Aloisio e não conseguir suportar as pressões sobre ele e sobre mim. Essa angústia, cercada de dúvidas, e essa preocupação em pesquisar fontes primárias e secundárias acabou se mostrando bastante eficaz no processo de amadurecimento teórico, histórico e filosófico que me permitiu aprofundar a pesquisa. Quando seu Aloísio contou sua história, a narrativa que ele apresentava coincidia com os documentos que eu tinha encontrado. Ele falava, por exemplo, que tinha saído de uma tal “Casa da Roda” no Rio de Janeiro, e eu já tinha encontrado a tal da “Casa da Roda”, que era o orfanato Romão de Mattos Duarte. Tinha também encontrado os livros de entrada e saída dos órfãos, conhecia o nome da maioria dos meninos, inclusive de seu Aloísio. Então, tinha tudo nas mãos, e conforme ele ia contando, aquilo ia se encaixando. E mesmo aquilo que não dizia respeito à documentação em si, mas dizia respeito à interpretação dele do mundo daquela época, se encaixava com outras análises que haviam sido feitas por historiadores. As coisas iam se encaixando perfeitamente. Apesar disso, continuava com uma preocupação grande de não vitimar a vítima mais uma vez. Muitas vezes, na Academia, ouvi de colegas que eu já teria material suficiente para contar a história, mas eu precisava diminuir o peso sobre a situação do seu Aloísio, e isso me levou a aprofundar uma pesquisa que envolveu a política, a jurisprudência, as revistas e jornais, os livros e as leis da época. Era quase uma obrigação carregar a responsabilidade do historiador para não sobrecarregar a situação daquela pessoa que já tinha sido profundamente vitimada.

**Era preciso observar tudo com a maior complexidade possível, não? Na tese você aborda, por exemplo, a legislação da época, a Constituição de 1934.**

Tinha um problema grande, porque a Constituição de 1934, no artigo 138, falava da obrigação do Estado em fomentar a “educação eugênica”, mas o conceito de eugenia era muito estranho para mim, e hoje, 15 anos depois, me parece que não só eu estava preocupado com isso, mas outros historiadores também. É um tema que está voltando agora, mas que há 15 anos ainda era vazio. Precisava entender o que os constituintes queriam dizer com aquele termo. Para isso, só havia um jeito: me debruçar sobre os diários e os anais da Assembleia Constituinte de 1933 e 1934. Isso era uma coisa de mais de 40 mil páginas. Procurei também pessoas que pudessem me ajudar a buscar esse material, que não estava acessível publicamente. Por meio de um amigo, consegui encontrar isso na biblioteca do Senado Federal. Depois, ele me ajudou a desenvolver um mecanismo para fazer buscas por palavras, aquilo que parece óbvio hoje: você coloca tudo no computador, transforma em imagem e faz leitura ótica. Isso demandou muito tempo e um trabalho exaustivo, mas que teve a vantagem de ter me dado tempo para trabalhar outras questões, amadurecer meu conhecimento sobre o assunto, e ir criando coragem para falar sobre aquilo que muitas pessoas não queriam que se falasse sobre. Esse processo de amadurecimento da produção científica foi fundamental: quando fui para a Academia, já estava com três, quatro anos de pesquisa. Se o doutorado durou quatro anos e meio, a pesquisa durou quase dez.

**Em que momento você foi procurado pela produtora Giros?**

Estava às vésperas da qualificação (*nota: exame realizado no decorrer das pesquisas de pós-graduação, em que o pesquisador apresenta a uma banca de especialistas os resultados preliminares de sua dissertação ou tese*). Uma reportagem saiu num jornal de Sorocaba e os pesquisadores da Giros encontraram a matéria da jornalista Telma de Souza, que havia feito um trabalho bastante interessante. Telma foi a primeira a captar com áudio a voz de seu Aloízio. Antes mesmo de eu entrevistá-lo, Telma já tinha fornecido algumas bases para reforçar minha pesquisa. O pessoal da Giros leu a matéria e chegou até mim. Como ainda não tinha sequer qualificado, a única coisa que pedi para Belisario (*Franca, diretor do filme*) foi que esperasse, porque ainda não tinha certeza das minhas conclusões. A pesquisa é dinâmica. E a Giros teve essa paciência.

**A partir desse momento vocês estabeleceram uma parceria?**

Nesse momento ainda não, mas entre minha qualificação e a defesa da tese, as pesquisas na Giros começaram. Porém, os materiais mais ricos conseguidos pela equipe só chegariam depois da minha defesa. Na minha tese ainda consta apenas o depoimento de seu Aloízio. Confesso a você que se tivéssemos encontrado o seu Argemiro antes da minha defesa, teria sido infinitamente mais tranquilo para mim, tanto academicamente como emocionalmente. Porque uma coisa era ouvir o seu Aloízio, que passou a maior parte da sua vida no alcoolismo e era muito criticado no seu local. Se para mim ele tinha legitimidade total, o fato é que na localidade onde morava ele não tinha. Quando o seu Argemiro apareceu, nós estávamos falando com um herói de guerra. Um herói da Segunda Guerra. Que surgiu sem conhecer a pesquisa e sem ter acesso ao que eu já sabia, sem saber sequer que eu conhecia o seu Aloízio. Expressei isso para o filho mais velho do seu Argemiro quando fiz os primeiros contatos, mas pedi que ele não dissesse ainda ao seu Argemiro do que se tratava a pesquisa. E conforme fui indagando seu Argemiro, já com a presença da Giros, fazendo as mesmas perguntas que tinha feito ao Aloísio, aquele outro senhor, do outro lado do país, que deixou Monte Alegre há mais de 60 anos e nunca mais voltara, foi confirmando tudo. Confirmou o trabalho, os castigos, as pessoas, os nomes, o lugar. Ao mesmo tempo que isso me tranquilizava, também começava a perceber que não era uma voz uníssona. Por exemplo, aquilo que seu Aloísio considerava escravidão, seu Argemiro não chamada de escravidão. Foi aí que eu tive o trabalho de tentar entender o conceito de escravidão, como ele se dá, como ele é visto, como se dá o processo. Enquanto seu Aloízio tinha marcas de angústia, tristeza e raiva, seu Argemiro trazia a lógica do moleque que jogou tudo às favas e fugiu, foi viver nas ruas, entrou para a marinha, foi para a guerra. Ele tinha uma visão tipo: “Foi, mas sobrevivi, dei a volta por cima”.

**São visões que acabam se complementando de uma forma bastante interessante, não?**

No campo dos dados, dos fatos, dos acontecimentos, é impressionante. A fala de um e a fala do outro coincidiam praticamente o tempo todo. A forma de interpretar a encarar o processo é que era diferente. Essa segunda voz me deu condições de dar uma complexidade ainda maior à análise. Tanto que considero o documentário mais que a tese, nesse sentido. A tese foi uma pesquisa com ajuda de dezenas de pessoas, mas uma pesquisa solitária. No documentário, tínhamos o apoio de pesquisadores, o Remier Lion fazendo as pesquisas de imagem, Belisario (*Franca, diretor*) me ensinando como fazer uma entrevista, Yan (*Motta*)na montagem. Tive que reaprender a linguagem, mas ao mesmo tempo tive uma ajuda sistemática de pesquisa que me indicava: olha, talvez valha a pena você procurar ali. E se antes eu fazia isso sozinho, agora havia uma equipe que conferiu uma dignidade à pesquisa que por mim, sozinho, não conseguiria ter dado.

**O fato de seu Argemiro ter conseguido fugir contribuiu para que ele tivesse essa postura diferente?**

Acredito que sim. Enquanto seu Aloízio conviveu ao longo de 70 anos com as mesmas ruas, as mesmas casas, as mesmas pessoas – e, portanto, aquilo se tornou um trauma presente 100% do tempo –, seu Argemiro mandou tudo às favas. Com um detalhe importante: jogou às favas, mas se calou. Não contou para os filhos, não contou para a esposa. Eu me recordo da surpresa do Darlei, filho de seu Argemiro, quando entrei em contato com ele. Você imagina, um historiador ligando do outro lado do país dizendo: “olha, eu conheço a história de seu pai, aconteceu isso, isso”. Ele ficou assombrado. Quando deixei com ele a tese, era uma surpresa atrás da outra, porque ele não conhecia essa história dos primeiros 16, 18 anos da vida do pai dele. Seu Argemiro fez questão de cortar essa parte de sua vida. A história que sua família e as pessoas ao seu redor conheciam começava quando ele foi para a Marinha e embarcou para a Segunda Guerra. Tanto que lá ele é conhecido como “marujo”. Então ele mandou às favas, mas por um processo de negação e silenciamento. Enterrou a história, e me parece que isso contribuiu para que a ferida dele não fechasse totalmente, mas ficasse menos aberta do que a ferida de seu Aloízio, que era absolutamente exposta.

**Agora precisamos falar do outro lado da história. A investigação de quem era aquela fazenda na época.**

Essa não foi a parte difícil, porque a presença dos quatro irmãos da família Rocha Miranda envolvidos na pesquisa ainda é muito forte na cidade de Campina do Monte Alegre. Eles são nomes de ruas, nomes de escola. As fazendas dos Rocha Miranda, apesar de hoje estarem nas mãos de uma família cujo sobrenome não é o mesmo, continuavam sendo conhecidas na tradição popular como “as fazendas dos Rocha Miranda”. Só não fazia ideia de que família era essa, quem eram esses homens, e realmente foi uma surpresa descobrir o quanto eram influentes e poderosos no Rio de Janeiro. Confesso que amargou um pouco a língua quando me dei conta de que estava mexendo com um mal-estar maior do que eu poderia imaginar. Ainda mais com essa preocupação de não errar. A quantidade de documentos cansou os leitores da banca, porque sabia que não podia falhar nesse sentido. Estava diante de uma história de consequências muito terríveis para alguns dos envolvidos nela, e na outra ponta havia pessoas de muito poder, que apesar de não estarem mais entre nós, mantinham um imaginário muito forte, tanto lá quanto no Rio de Janeiro.

**Há ainda um terceiro personagem, José Alves de Almeida, o “Dois”, que conhecemos por meio de sua família.**

Uma das questões da minha pesquisa era a da memória indireta. Não era meu foco. A pesquisa estava concentrada nos sobreviventes: seu Aloísio num primeiro momento, seu Argemiro num segundo momento. Mas, procurando na região, indagando sobre outras pessoas, fui apresentado à esposa e aos filhos do seu José Alves de Almeida, conhecido como “Dois”. Diante das falas, das memórias, dos dois filhos e da esposa, julguei que aquela memória secundária tinha sentido de aparecer. O caso do “Dois” me colocava uma terceira voz, uma terceira camada, porque ele era muito ligado à família Rocha Miranda. Tinha uma proximidade grande com dona Maria da Glória, com Renato (pai) e, sobretudo, depois, com Renato filho. E, portanto, me colocava uma terceira dimensão. Então eu tinha seu Aloísio, que se julgava escravizado; seu Argemiro que tinha fugido, e uma terceira voz, que tinha uma relação de amizade profunda e, segundo os filhos, se sentia parte da família. Ele passava uma outra dimensão da história, que trazia à tona a fala do Sérgio Buarque de Holanda sobre a cordialidade das relações de exploração no Brasil. E que trouxeram, portanto, uma complexidade à narrativa que nem seu Aloísio nem seu Argemiro podiam me dar. Ficou muito explícito nas entrevistas com a família de “Dois” que, apesar de todo esse carinho, de todo esse envolvimento emocional, a exploração acontecera, e que apesar de José Alves de Almeida se sentir parte da família, ele não foi herdeiro nem do nome, nem da herança material dos Rocha Miranda. O que me dava uma dimensão histórica, sociológica, antropológica impressionante sobre a sociedade brasileira. Na mesma medida em que nós tivemos no período colonial uma escravidão da roça, do chicote, há uma outra dimensão da escravidão no Brasil que é a dos escravos domésticos, das relações de apadrinhamento, afetivas, emocionais. E que também é importante para entender a história brasileira. A opção pela presença do “Dois” tinha esse sentido.

**Talvez seja a forma de dominação ainda mais presente nos dias de hoje.**

Acho que as três coisas ainda estão presentes hoje. A exploração sistemática, a resistência e a fuga desesperada, e as relações de cordialidade nos processos de exploração. Eu não tinha consciência, à época, de como essa tríade expressava bem a sociedade brasileira contemporânea. Por isso a abertura de espaço para as memórias indiretas, a partir da visão de três membros da família (a esposa e os dois filhos de José Alves de Almeida) que também moraram nas fazendas e tinham uma visão particular do processo.

**Como foi a reação da família Rocha Miranda ao tomar conhecimento da pesquisa?**

Quando comecei a pesquisa na região, pelo menos que eu soubesse, não havia nenhum membro sobrevivente da família Rocha Miranda. Não tinha conhecimento de herdeiros que tivessem sobrevivido. Quando as primeiras divulgações na mídia começaram, apareceu uma matéria em um jornal da cidade de Buri bastante agressiva nas palavras, assinada por Maurício Rocha Miranda, desqualificando seu Aloísio e meu trabalho. Eram palavras bastante pesadas, agressivas, indicando que ele não estava nem um pouco disposto a falar comigo. A única coisa que fiz foi um cálculo de idade. Ele era filho de um quinto irmão Rocha Miranda, e me dei conta de que, pela idade, não poderia ter vivido aquele momento que eu estudava. Ele estava depreciando as palavras da minha pesquisa e de seu Aloísio sem ter vivido o processo, então, naquele momento, não vi necessidade de enfrentamento. Depois que apareceram seu Argemiro e o “Dois”, e sobretudo depois da minha defesa de tese, quando ele reagiu contra a Unicamp e contra a Biblioteca Nacional, nós vimos por bem querer ouvi-lo. Eu o procurei sistematicamente. Como ele não havia participado dos acontecimentos, poderia contrapor as análises contemporâneas que fizeram os sobreviventes. Mas ele se negou. Espero que um dia ainda possa fazê-lo. Não para minha pesquisa de doutorado, porque ela já se concluiu, mas ainda espero poder ouvi-lo sobre as interpretações que possa ter.

**Como poderia relacionar tudo isso com o momento atual?**

O que percebo é que, agora que se passaram 30 anos do fim da ditadura militar e já vivemos alguns anos de um processo de consolidação democrática, vozes que antes não apareciam começaram a aparecer. Vozes que antes não tinham espaço para falar agora são ouvidas e falam. Então, as reflexões sobre as vicissitudes da sociedade brasileira, que foram violentamente sufocadas nos momentos ditatoriais, começam a aparecer agora, a 30 anos de distância da ditadura e com uma democracia um pouco mais consolidada. Vejo com bons olhos que a sociedade brasileira busque enfrentar seus traumas históricos. O Brasil é o país que sangra com a escravidão mais antiga dos tempos modernos. Assim como os alemães tiveram que se refazer depois do nazismo, os japoneses depois de Hirohito, os italianos depois de Mussolini; assim como algumas sociedades se refizeram depois das ditaduras latino-americanas e permitiram que as dores diminuíssem e as feridas cicatrizassem, já passou da hora de a sociedade brasileira encontrar seus traumas, sobretudo os ligados à escravidão e ao racismo, ao patriarcado e ao machismo, e ao patrimonialismo e à concentração de riqueza e exclusão. Essas dimensões da civilização brasileira precisam ser analisadas com profundidade para que possam ser superadas. Veja: já se passaram 15 anos do fim do século 20 e ainda não conseguimos encarar de frente traumas do fim do século 19 e do começo do século passado. O papel do historiador não se limita, portanto, a narrar o passado, mas também a criar as condições para que as sociedades possam se reencontrar, refletir sobre suas mazelas, e sobre seus valores e belezas também. Mas para que a beleza possa aparecer, as feridas precisam ser cicatrizadas. Na mesma medida que as feridas da ditadura militar e da ditadura do Estado Novo estão abertas, também as veias da escravidão ainda estão abertas no Brasil. Por isso, esse tema é tão difícil. A questão não é o negro, não é a mulher, não é o gay. A questão é o racista, é o machista, é o homofóbico. Não podemos inverter a lógica.

ENTREVISTA / **BELISARIO FRANCA**

*Diretor e corroterisita*

**Como nasceu o projeto de *Menino 23*?**

Aqui na produtora, fazemos um projeto para o History Channel chamado *Detetives da História*. Na procura de bons assuntos para a série, uma de nossas pesquisadoras e roteiristas, Juliana Oliveira, apareceu com uma reportagem sobre os tijolos marcados com suásticas que apareceram em uma fazenda do interior de São Paulo. Quando li o material, vi logo o assunto era forte e complexo, e não caberia em um episódio da série. Sugeri, então, que procurássemos o professor Sidney Aguilar Filho, citado no texto. Conseguimos trazer Sidney ao Rio e tivemos uma longa conversa, em que ele nos contou a trajetória da pesquisa do momento em que teve o primeiro contato com o tijolo, passando por todas as suas descobertas, passo a passo. Imediatamente, confirmei que se tratava de assunto para um longa-metragem, sugeri a realização de um filme e ele concordou. Pediu apenas que esperássemos que avançasse na tese, o que respeitamos. Minha única preocupação imediata era filmar seu Aloísio, único sobrevivente conhecido naquele momento. Quando tivemos esse primeiro encontro, seu Aloízio já estava com mais de 80 anos. Sidney concordou com essa primeira entrevista, mas depois esperamos a tese avançar para dar prosseguimento.

**Como foi a conversa com seu Aloízio?**

Houve uma primeira conversa, uma segunda, e depois uma terceira, quando o convidamos para vir ao Rio de Janeiro. Essa foi bastante especial, porque foi a primeira vez que seu Aloízio voltou ao educandário Romão Duarte e pode falar de uma maneira mais livre. A partir desse momento, a produtora já estava investindo no projeto, mesmo sem ter ainda recursos ou parceiros. Não podíamos deixar essa oportunidade passar. Paralelamente, começamos a pesquisar se havia algum outro sobrevivente. A partir de algumas indicações que surgiram no depoimento do seu Aloízio, chegamos ao Argemiro, que estava morando em Foz do Iguaçu. Sidney entrou em contato com o filho dele, Darley, e fomos entrevistá-lo. A situação era a mesma, ele estava com mais de 80 anos e não sabíamos exatamente qual era sua situação física. Mas ele estava muito bem e a conversa foi ótima. Argemiro foi uma descoberta nossa, e ele tem um papel fundamental na história. Só apareceu quando Sidney já havia concluído a tese, mas representou tudo o que um historiador precisava para confirmar o que aquela outra voz, até então única, havia contado. Argemiro confirmou absolutamente tudo o que o seu Aloízio havia contado sobre os acontecimentos na fazenda e no educandário. Agora tínhamos duas vozes vivas confirmando aquela história. Ficamos muito satisfeitos com essa descoberta. Foram seis meses frequentando o arquivo da Marinha até conseguir localizá-lo. Isso deu um *upgrade* na pesquisa do Sidney, embora não esteja na tese (mas certamente estará quando ele vier a fazer uma atualização dessa tese), e foi fundamental para enriquecer o filme. O curioso é que Argemiro faz um contraponto muito interessante ao Aloízio, porque eles saíram na mesma leva do educandário e foram os primeiros a chegar nas fazendas. Viveram juntos lá por um período, até Argemiro fugir, mas viveram grande parte daquela infância e início da adolescência juntos, naquela fazenda, naquela situação.

**Do ponto de vista da narrativa, a presença de Argemiro ajuda a criar uma dramaturgia para o filme, não?**

Sim, porque eles são pessoas muito diferentes. É muito interessante. Os três protagonistas – dois vivos e um que já havia morrido, que é o José Alves de Almeida (o “Dois”), cuja história é contada por sua família – têm características muito próprias, bastante diferentes. O Aloízio, um homem forte, porém revoltado, atravessado pela dor da experiência, e que não pode se afastar muito de lá. O Argemiro, forte também, mas já com uma certa malandragem, aquele cara que teve coragem de fugir, correndo todos os riscos. Uma fuga que não tinha nenhuma garantia. Ele acabou morando nas ruas de São Paulo, até finalmente se alistar na Marinha e ir para a guerra. É uma história que se nós escrevêssemos como ficção, seria considerada um exagero. Mas foi uma realidade. Esse homem teve um treinamento militar, se afastou do núcleo repressor da fazenda, se libertou, num certo sentido, mas abafou aquilo para dentro. Seu passado na fazenda fica num lugar muito guardado. Só 70 anos depois, quando entramos em contato com a família, é que ele fala. A mulher e os filhos não tinham ideia dessa história. Do momento em que fugiu da fazenda, aos 14 anos, até o momento em que foi entrevistado pelo documentário, Argemiro não comentou esse assunto com ninguém. Foram 70 anos sem contar a história de que viveu no educandário e na fazenda, embora soubesse de tudo. E ele se lembrava de detalhes. No momento em que mostrei para ele o hino integralista no meu celular, por exemplo, na mesma hora começou a cantar. Foi imediato. Aquela lembrança estava muito impregnada nele. Argemiro se lembrava de tudo o que acontecia no dia a dia. Argemiro resolveu esquecer, enquanto seu Aloízio não esqueceu por um único segundo a história que viveu. Todos os segundos da sua vida, Aloízio viveu com rancor de ter sofrido o que sofreu, a frustração de ter sido retirado do Rio de Janeiro, de nunca mais saber da mãe, de ter trabalhado naquele regime em que trabalhou, com maus tratos. Em nenhum momento deixou de sentir o peso que foi a sua infância e adolescência. O seu Argemiro rompe com isso, abafa a história e vai para a vida. O “Dois”, como a gente sabe, ficou dentro da “casa grande” e foi-se embora mais cedo. Morreu aos 57 anos.

**Não tínhamos falado sobre o “Dois” ainda, e ele é muito importante.**

Sim, o “Dois”, José Alves de Almeida, tem uma história muito importante, porque representa muito o “salvacionismo”, essa característica da elite brasileira que é o de “salvar” explorando. Você bota uma criança para dentro da sua casa, promete salvar ela da pobreza e do maltrato, e ela fica trabalhando na casa, sem qualquer vínculo oficial. É apenas uma exploração, porque, no fundo, é disso que se trata. O “Dois” foi escolhido para ser o garoto que ficaria dentro da casa cuidando das crianças e, ao mesmo tempo, recebe um treinamento para ser uma espécie de mordomo de categoria. Foi muitíssimo bem treinado, era um brilhante cozinheiro, sabia todas as questões da etiqueta, como receber, como botar uma mesa de jantar, o que servir, qual é a dinâmica. Isso é dito com muito orgulho pelos familiares. E para as pessoas de Campina de Monte Alegre que o conheceram, ele de fato era como o dono da casa. Renato de Rocha Miranda Filho era o proprietário, mas quem tocava a casa na verdade era o “Dois”. Esse homem se foi cedo, o alcoolismo o destruiu. A proximidade do núcleo repressor parece ter sido devastadora. Ele morreu aos 57 anos. Um está vivo, e o outro morreu com 93. Então ele morreu cerca de 30 anos antes dos outros. A situação deve ter sido pesada, embora ele estivesse vivendo dentro de um certo conforto material. Mas havia uma situação subjetiva, de “ser e não ser”, de achar que era da família, mas no fundo não ser da família, de comandar uma casa, mas não ser o dono da casa. Ou seja, era uma espécie de “limbo”. A filha dele, Maria da Glória, dizia que sentia no pai uma dor, uma coisa que ele não revelava.

***Menino 23* é um documentário de processo, de investigação. Para o realizador, como se dá a construção de um filme como esse?**

Entramos em contato com a história em 2011 e fizemos as últimas diárias de filmagem em janeiro de 2015. Ou seja, temos aí três anos e meio de processo. Ao longo desse tempo, fomos amadurecendo a maneira que íamos contar esse filme, com algumas surpresas. Encontrar o seu Aloísio, os familiares dele, em Campina de Monte Alegre, conversar com aquelas pessoas, sentir o não-dito que estava tão presente ali... Fomos tateando como contar essa história. Sempre foi uma preocupação não ficar só nas entrevistas, nas “cabeças falantes”. Ao mesmo tempo, o contexto histórico é muito rico. A tese do Sidney é 75% contexto histórico e 25% a história dos garotos. O filme é o contrário. A partir do que fomos descobrindo, fomos tomando algumas decisões de como contar. Trazer o seu Aloízio, em primeiro lugar, já deu uma emoção especial. Começamos a entrar em alguns lugares nas lembranças dele que não imaginávamos ser possível acessar. A descoberta de Argemiro também deu outro peso, criando um diálogo entre o que ficou e o que fugiu. O Reginaldo, filho do Dois, foi uma conquista. Fomos seduzindo ele para falar, e ele falou de uma maneira muito livre e à vontade sobre a história do pai, como nunca havia falado antes. Foi também um ganho para o filme, no sentido de podermos construir essas narrativas paralelas. Com o tempo, precisamos tomar decisões de como íamos narrar essa história. E o bom do documentário é isso. Em dado momento, conversamos com o Sidney e falamos com ele que gostaríamos de colocá-lo no documentário, para contar um pouco como foi a busca que ele empreendeu. Não era essa nossa intenção inicial. Desde sempre queria trazer uma atmosfera. É um filme sobre memória. É história oral. A base está na história oral desses homens, mas também está na História com H, nos documentos. Então, como emular essa memória? Queríamos criar uma imagem impressionista do que foi a história desses garotos, como era essa memória, como era o educandário, a fazenda, a vida deles. Então tomamos a decisão de filmar algumas reconstituições. Foi a última coisa que rodamos. Filmamos essa parte já conhecendo bem o material, as entrevistas que foram rodadas com eles, as conversas com os especialistas. Só aí foi possível recriar essa memória impressionista para colocar no filme. Foi uma costura. Fizemos alguns exercícios antes de começar a montagem definitiva. Para cada material que rodávamos, montávamos alguma coisa, para entender como a coisa estava funcionando. Quando o primeiro dinheiro entrou, rodamos mais um tanto. Até que, finalmente, fizemos as últimas filmagens e chegamos ao resultado final.

**Qual foi a reação da família Rocha Miranda e que posição vocês resolveram assumir ao longo da realização do documentário em relação a essa questão?**

A partir do momento em que Sidney começou a fazer a tese, houve uma reação de Maurício Rocha Miranda, um dos sobrinhos do proprietário da fazenda. Naquele momento ele reagiu, dizendo que não era nada disso, querendo saber quem era esse historiador, e fez muita pressão na comunidade de Campina de Monte Alegre contra a pesquisa. O Sidney seguiu em frente, terminou a pesquisa e defendeu a tese. Fez a apresentação da tese na íntegra, sem qualquer alteração, e a Unicamp bancou. Naquele momento, tivemos um relato da professora Ediógenes (*Aragão Santos*), orientadora do Sidney, de que Maurício Rocha Miranda escreveu uma carta ameaçando processar a Unicamp se a tese fosse publicada, já que a família Rocha Miranda era respeitada, frequentava o Palácio Guanabara, e fizera parte do Partido Integralista como tantas outras famílias da época, etc. Ele foi dando todos os argumentos que a tese do Sidney coloca. Mas foi feita a defesa, a Unicamp assumiu a tese, que veio a ser premiada pela Capes. Ou seja, é um projeto acadêmico mais do que respeitado. Em 2013, Sidney foi convidado pela revista da Biblioteca Nacional, que estava produzindo um número especial sobre o nazismo no Brasil, para escrever um artigo. E nesse artigo contou história da tese. Nesse momento, Maurício Rocha Miranda também se revoltou com a Biblioteca Nacional, ameaçou fazer e acontecer, mas não aconteceu. Durante a feitura do filme, para nós essa era uma questão: dar ou não dar voz à família Rocha Miranda? Quando já estávamos seguros do nosso projeto, resolvemos ouvi-lo, mas ele se negou a dar depoimento. O filme não precisa da família Rocha Miranda para existir. Os dados são históricos. Não estamos dando nenhuma opinião subjetiva. As opiniões que estão lá são de pessoas que viveram aquelas histórias. Seria interessante para o filme, mas também não fez falta, porque a família está presente. E, na verdade, não é a família A ou B. Estamos falando de um momento, de uma década, em que a família Rocha Miranda representa uma elite. Ela não está isolada, como representante de um pensamento que atravessava essa elite. Não eram só eles que eram integralistas, não eram só eles que eram adeptos do nazismo. O pensamento de “embranquecimento” da sociedade e o desejo de “higienizar” o Brasil eram uma realidade. Havia especialistas estudando a eugenia no Brasil, como Oliveira Viana, Nina Rodrigues, entre outros. O Sidney teve a felicidade de achar uma história que é transversal nesse sentido, e consegue apresentar uma discussão ideológica sobre aquela década, por meio daquela família, que por sua vez também tinha força econômica, representação política e laços com a Igreja. Ou seja, aquele ato de pegar 50 crianças, levar para o interior de São Paulo, e essas crianças ficarem dez anos trabalhando em regime escravo era uma coisa aparentemente aceita por aquela sociedade, e aparentemente banal. Aconteceu de o Sidney ter encontrado essa história. Mas, se procurar, histórias como essa estão por aí, e tenho certeza de que hoje em dia coisas semelhantes ainda acontecem. Porque a permanência desse tipo de leviandade, dessa coisa brasileira que a elite faz, o “salvacionismo”, continua a existir na sociedade.

**As questões do racismo e da escravidão estão voltando à tona de uma nova forma no Brasil.**

O racismo sempre esteve aí. Ele não deixou de estar. O que acontece agora é que vivemos outro momento. De fato, os direitos melhoraram, houve uma série de ganhos da sociedade civil, a melhoria de alguns parâmetros socioeconômicos é real. O acesso à educação também melhorou para várias camadas da população que não tinham esse acesso. As novas gerações questionam seus pais para que se construa um novo futuro. E também por causa disso, as pessoas estão tendo a oportunidade de conversar, de falar de uma maneira mais clara, sem botar a viola no saco, sem se intimidar de tocar determinadas feridas. Porque o brasileiro é o campeão mundial de negação. Primeiro negamos, depois vemos como fica. Negamos a violência, mas somos uma sociedade superviolenta. Negamos o racismo, negamos que a sociedade é extremamente machista. Lentamente, agora, estamos aprendendo a falar sobre isso. Acho que as mídias sociais têm uma importância grande nesse processo. O filme vem numa hora importante, o Brasil está se discutindo enquanto sociedade. E se não conhecemos nosso passado, temos dificuldades de encarar o futuro. Entender o passado é fundamental porque, na verdade, ele ainda se reflete no presente. Vemos vários traços por aí. Então compreendendo aquelas mecânicas, as maneiras como a elite da sociedade se articulava lá atrás, reparamos traços que sobrevivem até hoje. E é uma maneira de se contrapor a isso, de articular novas propostas. O Reginaldo, filho do “Dois”, hoje um homem de seus 40 e poucos anos, se articula de outra maneira, já é outra geração. Esse Brasil talvez esteja se preparando para poder olhar para seu passado e, quem sabe, construir um novo futuro. Essa também foi uma das preocupações do filme. Não queríamos falar apenas de um nicho histórico, o filme é sobretudo uma história humana. Procuramos fazer um filme de personagem, e que trouxesse também uma reflexão de futuro.

**Como foi planejada a produção para um filme de realização tão longa e complexa?**

A televisão precisa de agilidade, mas o documentário de cinema precisa de um tempo maior. O tempo ajuda o documentário. Ele é a favor de construirmos essa narrativa. Por um lado, a produtora teve a possibilidade de avançar recursos próprios para tocar o projeto. Depois, conseguimos levantar esses recursos, o que nos permitiu fazer o filme com a calma necessária. Fazer com calma é: vamos novamente no seu Argemiro? Será que conseguimos uma imagem de arquivo? Tudo isso foi importantíssimo. No momento em que resolvemos fazer esse filme, chamei um pesquisador de imagens, Remier Lion. Nem tínhamos dinheiro para pagá-lo ainda, mas eu queria que ele soubesse em que filme ia trabalhar. E o mais bacana é que todas as pessoas que trabalharam nesse filme se apaixonaram pelo conteúdo. Remier também se apaixonou e se transformou em uma figura chave nessa história. Começou a fazer pesquisas paralelas, sobre outras histórias que podiam conversar com aquilo. Fizemos uma primeira contratação e ele ficou cinco meses pesquisando imagens. Quando finalmente falamos que era para valer, Remier veio com uma determinação e com muita qualidade a ponto de conseguirmos imagens fantásticas, raras mesmo. Vejo bastante documentários brasileiros e sei que temos alguns materiais inéditos. Se tivesse dado mais um ano, viriam mais coisas. Mas é aquele negócio: tem uma hora que você precisa terminar o filme. Se deixar, a gente vai, sempre há alguma coisa para acrescentar. Mas acho que deu certo, e que o filme contou com o tempo adequado para ser feito.

ENTREVISTA / **BIANCA LENTI**

*Roteirista*

**Como foi estruturar o roteiro de um filme que tem como base um longo processo investigativo?**

Do momento em que descobrimos a reportagem sobre os tijolos com as suásticas até o filme ficar pronto, foram cerca de cinco anos. Primeiro tivemos que esperar o Sidney concluir a tese. Depois, começamos a buscar outro sobrevivente da experiência. A tese do Sidney era uma ótima base, só que, para virar filme, é outro processo. Além do desejo dele de encontrar outro personagem, que para nós também era muito importante. Sabíamos que contar a experiência de Monte Alegre só baseado na experiência do seu Aloízio talvez não segurasse um longa-metragem. Começamos então a correr atrás de um tal Argemiro dos Santos, muito citado por seu Aloisio em seus depoimentos. Nossa fonte era a Marinha. Fomos por eliminação, procurando por lugar e data de nascimento. Chegamos a três Argemiros, e um deles, por nossa sorte, era de fato o seu Argemiro, companheiro de seu Aloízio no Romão Duarte e na fazenda de Campina do Monte Alegre. Para o roteiro do documentário, começou a ficar bem mais interessante. Agora tínhamos dois personagens. Duas histórias bem distintas, por sinal. Duas reações opostas àquela infância trágica. Mas, antes disso, já tínhamos rodado em Campina do Monte Alegre com os contemporâneos dos meninos, e entre eles já estava a mulher e os filhos do “Dois”, nosso terceiro personagem, que infelizmente não é mais vivo, mas tem uma história fantástica também. O que para nós, em termos de roteiro e de tempo de filme, também foi muito importante. Era mais uma história diversa, uma família inteira disposta a falar, sobre uma história muito peculiar, porém muito representativa da relação que a elite brasileira desenvolveu com empregados. Tínhamos então três personagens: dois deles vivos, e uma família inteira disposta a falar do “Dois”.

**Como costurar essas trajetórias e ainda dar conta do contexto histórico?**

Se fizéssemos um filme de personagens intercalado por contextualização histórica o tempo todo não conseguiríamos conectar a audiência com nosso filme, que se pretendia investigativo. Então, outra decisão importante foi colocar o Sidney como personagem, *on camera*. Ele não estava *on camera* no projeto inicial. Então, passamos a seguir o Sidney. Agora então tínhamos quatro personagens, e o filme foi ganhando corpo. Porém, a trajetória de investigação dele é muito acadêmica, debruçado em livros e arquivos. E na verdade ela já tinha sido quase toda feita. Então refizemos alguns passos da pesquisa do Sidney para manter uma linha cronológica da pesquisa. Ao mesmo tempo, começamos a pensar a questão da memória como um elemento que atravessava todos os depoimentos, todos os discursos. E daí tomamos a decisão de fazer uma reconstituição impressionista, minimalista, que induzisse o espectador a ver e a sentir as coisas que os depoentes sentiram ou viram, e relataram para nós em seus depoimentos. Acho que isso funcionou bastante. Colocamos um grande valor de produção nessas reconstituições, e nossa ideia era que fosse possível se colocar na pele do seu Aloízio, do seu Argemiro e do Dois. Uma coisa é você ver um senhor castigado pelo tempo, revoltado com aquela situação, falando que tomou chicotada, mão à palmatória, que era trancado num poço, tomava banho nu às cinco da manhã, trabalhava sem remuneração e todas as outras coisas relatadas no filme. Outra coisa é quando você faz uma reconstituição com uma criança com a idade que ele tinha na época, oito, nove anos. Aí você começa a realmente se colocar na pele da pessoa e ver como isso é grave, inaceitável. Não interessa o contexto social e político da época, isso é inaceitável.

**Do ponto de vista dramatúrgico, os três personagens acabam se complementando.**

Seu Aloízio se tornou uma pessoa revoltada, tem raiva e mágoa do que aconteceu com ele. Mas não saiu de perto da família. Como ele diz no filme, realmente não tinha esperanças de um futuro melhor. Por ali ele ficou, casou, teve filhos, viveu uma fase longa de alcoolismo, conseguiu se livrar do alcoolismo, e depois finalmente conseguiu ter coragem de falar para alguém que divulgasse a história dele. Porque ele era tido como louco nos arredores da cidade. Como os Rocha Miranda são ídolos e bem feitores, ele era considerado um louco bêbado. Então, ele foi vítima duas vezes. Quando criança e adolescente, e mais velho, quando queria falar sobre o assunto, mas era criticado e as pessoas duvidavam dele. A coisa toda parecia muito absurda, então as pessoas achavam que era delírio de um bêbado. Mas ele não saiu de perto. Ficou ali. E ali morreu. Já seu Argemiro, antes dos meninos serem libertados, sempre teve ímpeto de fugir. Ele fala que quando completou 15 anos já se achava suficientemente apto a meter o pé dali. “Com 15 eu já era cabeça feita”, ele diz. Talvez fosse uma característica das personalidades. Eles são diferentes em personalidade. O seu Aloízio se magoou com o que aconteceu e não conseguiu superar. Seu Argemiro não se deixou abater. Ele não ia beber a tristeza daquela infância roubada. Precisava viver mais do que aquilo. Fugiu, viveu nas ruas, foi engraxate, e quando soube que as Forças Armadas estavam convocando para a guerra, se alistou. E foi levar o contingente brasileiro para a Segunda Guerra. Mas ele tem outro tipo de resignação. Não fala mal dos Rocha Miranda, não fala com mágoa da infância que teve, mas faz piada o tempo todo. Ele não deixa a peteca cair. E ele é o ídolo da família, dos netos. O marujo, o trompetista. É de fato uma história de superação. E o “Dois” foi quem ficou mais perto do núcleo familiar. Ele nunca saiu da casa dos Rocha Miranda. Na teoria, foi o mais bem tratado. Além do trabalho escravo, ele não sofreu os mal tratos que os outros meninos sofreram. Mas viveu dentro daquela família, com uma dedicação passional pelo Renatinho, o patrão dele para a vida inteira. Ele sequer viveu a própria vida. Ele viveu a vida dos Rocha Miranda, como um dos Rocha Miranda. E quando aquilo acabou e ele não teve o reconhecimento que esperava, sumiu na hora. Bebeu até morrer. Seu Argemiro nunca tinha dito para a família o que tinha acontecido com ele. Calou tão fundo na alma, na memória dele, que nunca dividiu essa história com ninguém. A família descobriu porque Sidney e Belisario foram entrevistá-lo. Para ele, aquilo realmente não aconteceu. Seu Aloizio precisou conviver a vida inteira com aquilo, com aquela infância desgraçada que ele teve. Sucumbiu, voltou, resolveu falar, e morreu. Morreu com a missão cumprida. Seu Argemiro sufocou aquilo dentro da alma, jamais comentou e viveu sua vida. Ele sequer lembra o número pelo qual ele era conhecido na fazenda. E o “Dois”, a partir do momento que passou a ser “Dois”, nunca deixou de ser “Dois”, porque nunca saiu dali. Morreu conhecido como “Dois”. Aquela era a realidade dele. Aquela realidade foi rompida no momento em que ele viu que no testamento não constava como herdeiro, e a família dispensou seus serviços. Ele não se refez, não conseguiu superar o trauma. Foi o primeiro a morrer.

**Como o roteiro foi sendo estruturado?**

Nosso maior medo sempre foi ter que contextualizar demais a história da época para explicar porque 50 meninos foram retirados de um orfanato por uma família tutora. A Constituição a favor da eugenia, a Santa Casa liberando esses meninos... Quando, na verdade, isso não fazia o menor sentido, essa família não poderia ser tutora de 50 meninos, esses meninos sendo escravos de uma fazenda no interior do Brasil. Tudo isso ainda conectado com o integralismo, com os tijolos nazistas. Eram muitos elementos para explicar como esses meninos foram parar lá. Nossa preocupação foi não ficar didático. Se fôssemos contar ponto a ponto todos os fatos que levaram a isso, o filme teria metade de seu tempo consumido pela História. Mas queríamos fazer um filme sobre personagens, queríamos principalmente contar as histórias de seu Aloísio, seu Argemiro e do “Dois”. E da busca do Sidney. Quando Sidney entrou em cena, conseguimos usar o recurso dele como comentador. Ao mesmo tempo em que ele está entrevistando as pessoas e falando sobre a experiência dele, também serve como apoio para esclarecer pontos mais obscuros. Por exemplo: achávamos que o conceito de racismo existia desde sempre. Até que o Sidney nos explicou que o racismo nasceu nos anos 1910. Ficamos muito tempo destrinchando alguns paradigmas da parte histórica. O processo do filme foi ao contrário. Incluímos tudo e depois fomos tirando o que era gordura, deixando só o essencial e procurando equilibrar ao máximo a parte didática com a parte de personagens. Como a gente ilustraria a parte didática? Com imagens de apoio, imagens de arquivo. A nossa busca foi por imagens que ninguém tivesse usado. E conseguimos muita coisa bacana, como a visita de Getúlio Vargas ao Romão Duarte. Temos fábricas com crianças trabalhando, o que também é outra pérola de descoberta feita pelo pesquisador. Temos aqueles concursos de eugenia, crianças ganhando prêmios, medições da cabeça. Falar isso é uma coisa, mostrar é outra. Então ficou um material muito rico. As pessoas não acreditam que isso aconteceu no Brasil dos anos 1930. As pessoas mais jovens, então, não têm a menor noção. Em determinado momento, nos demos conta de que estávamos falando das raízes do racismo no Brasil. Quando a gente se tocou disso, foi um impacto grande. Não queríamos fazer um filme ativista, porque não seria honesto. Ao longo da história fomos percebendo como tudo ali estava relacionado ao preconceito racial. Tudo. No fim, incluímos uma cartela em que falamos que há uma permanência do racismo. É um assunto que não vai sair de pauta, independente do contexto social e político.

**O filme chega em um momento em que as questões de gênero e raça estão ganhando uma nova perspectiva no Brasil. Do seu ponto de vista pessoal, como você vê a atualidade do filme e como as descobertas do filme te afetaram?**

Tenho uma filha, de nove anos, e ela tem os cabelos cacheados, é afrodescendente. Sempre falo sobre isso quando falo do filme: por que essa questão me toca tanto? Quando ela tinha quatro anos, estudava numa escola da Zona Sul do Rio de Janeiro que só tem gente branca e de cabelo liso. Com quatro anos, ela me disse: “Mãe, eu acho que as pessoas não gostam de mim porque tenho cabelo encaracolado”. Pensei: “Isso não pode estar acontecendo”. Esse episódio detonou uma série de conversas na creche sobre as pessoas que estavam no entorno dela, sobre a origem dela, sobre como a família dela lidava com as próprias origens. E comecei a perceber umas coisas. O brasileiro não se enxerga como negro. A família do pai dela não se enxergava dessa maneira, então como ela se enxergaria? Como ela não se aceita? Quando ela tinha quatro anos, descobrimos a história dos tijolos na fazenda, e comecei a me interessar muito pelo tema das minorias. Sendo mulher, no audiovisual, você já vive como minoria. Isso não era tão latente, está mais latente agora, em 2014, 2015. O meu envolvimento pessoal vem dessa descoberta que a minha filha fez ao longo desses anos também. Ela se descobriu como afrodescendente. Comecei a ficar muito impactada com outras manifestações de preconceito racial. Várias coisas começaram a pipocar ao mesmo tempo em que nos demos conta de que o filme falava de racismo. E percebemos como, até muito pouco tempo, praticamente não falávamos sobre isso. São pouco mais de 150 anos da libertação dos escravos, mas a escravidão de fato não acabou, não houve salva guarda do governo, os negros simplesmente foram jogados na sociedade, são a maioria da população agora, e o Brasil continua não se enxergando como negro, nem como racista. Não sei se foi o programa de cotas, não temos ainda uma noção precisa do contingente de negros que sairá da universidade ainda, mas acho que as pessoas estão mais alertas. O que é maravilhoso. Estamos em 2015 e ainda somos capazes desse tipo de pré-julgamento.

**Sobre a GIROS**

Uma das maiores produtoras de conteúdo do país, a Giros está há19 anos no mercado,

E desde a sua criação se propõe a descobrir e revelar ao público histórias únicas de forma instigante e visualmente impactante. Universos, personagens, narrativas e temas ricos, sejam eles reais ou ficcionais, são a matéria prima de um acervo focado na relevância, no entretenimento, na disseminação de conhecimento. Com esse foco a Giros conquistou públicos do Brasil e do mundo.

Entre séries de TV e longas documentais, a Giros já imprimiu sua marca pelo mundo, conquistando prêmios de relevância nacional, como melhor série para TV, pela associação internacional de documentário e melhor produção cultural para TV, pelo Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. No cenário internacional foi vencedor de melhor série documental concedido pelo IDA e medalha de prata no New York Film Festival como melhor documentário. Além de duas indicações para o Emmy. Na sua primeira incursão em longas ficcionais foi premiada com 3 Kikitos de ouro no Festival de Gramado.

**Sobre a GLOBO FILMES e GLOBONEWS**

A integração entre cinema e televisão é um importante caminho de valorização dos filmes documentários. Esta é a proposta da parceria entre Globo Filmes e GloboNews, que se uniram em um projeto de curadoria editorial no desenvolvimento dos filmes, apoio financeiro através da Lei do Audiovisual e promoção no lançamento nas salas de cinema. O objetivo é fortalecer o gênero, que contribui decisivamente para a construção, registro e resgate da memória do país e do mundo.

Em parceria com produtoras independentes, os filmes entram em circuito comercial nos cinemas e, depois, ganham uma faixa nobre de exibição na GloboNews. O documentário chega a um público que hoje não alcança no cinema e funciona como conteúdo potente, forte, consistente, histórico e estratégico para o grande público da televisão. A GloboNews exibe os documentários em horário nobre, nas noites de sábado, o que multiplica a visibilidade das obras e amplia sua influência.

Para Eugenia Moreyra, diretora da GloboNews, a ação é potencializada pela atuação da Globo Filmes. “A GloboNews quer refletir o país e o mundo, receber produções independentes com diferentes visões. Uma das oportunidades de ampliarmos nossa atuação é através dessa parceria, com a garantia de qualidade que a Globo Filmes nos traz”.

Edson Pimentel, diretor da Globo Filmes, completa: “A nossa aposta é que a exibição desses documentários em um canal tão importante como a GloboNews dará visibilidade ao trabalho de excelente qualidade que vem sendo produzido no país. E que isso vai estimular o público a frequentar ainda mais as salas de cinema para prestigiar os nossos filmes”.

**Sobre a CANAL BRASIL**

A nova campanha do Canal Brasil, que está em rotação nos principais cinemas, festivais de audiovisual e canais de TV, mostra “A Casa do Cinema Brasileiro” resistindo aos ataques de um lobo caracterizado de Jack Sparrow. O motivo da temática é que o Canal Brasil vem se firmando como o maior coprodutor do cinema nacional atualmente. Em 2015, foram 46 longas, entre produções e coproduções, e a meta é que esse número cresça até o fim deste ano. São longas como “Meus Dois Amores”, de Luiz Henrique Rios, “ A Luneta do Tempo” de Alceu Valença, “Big Jato” de Cláudio Assis, “Boi Neon” de Gabriel Mascaro e “Eu Sou Carlos Imperial”, de Ricardo Calil e Renato Terra. Desde a primeira coprodução, “Lóki” (2008), de Paulo Henrique Fontenelle, que levou para a telona a vida do eterno mutante Arnaldo Baptista com recorde de público, até recentes sucessos de crítica como “Cine Holliúdy”, de Halder Gomes, o Canal Brasil vem desenvolvendo esse papel importante de propulsor em meio a realizadores, diretores e distribuidores.

**Sobre a ELO COMPANY**

Há 10 anos no mercado, a Elo Company se consolidou como uma das maiores distribuidoras independentes de conteúdo audiovisual brasileiro no mundo. A empresa se destaca pela qualidade e variedade de lançamentos, serviço completo de venda internacional e distribuição para diversas mídias e territórios – Cinema,  Licenciamento para Televisão, VOD, Airlines e outras.  Dentre os títulos lançados recentemente nos cinemas estão os longas "Rela Beleza", de Jorge Furtado, "Amor em Sampa", de Carlos Alberto Riccelli e Kim Riccelli, e o documentário "Betinho - A esperança equilibrista". A Elo Company é também a distribuidora de "O Menino e o Mundo", animação indicada ao Oscar em 2016.

**ASSESSORIA DE IMPRENSA**

 

**Anna Luiza Muller**

Julia Moura - julia@primeiroplanocom.com.br

21 2266-0524 / 2286-3699

Siga-nos: [@\_Primeiro\_Plano](https://twitter.com/_primeiro_plano)

[Fb.com/PrimeiroPlanoCom](https://www.facebook.com/PrimeiroPlanoCom?_rdr)

[Primeiroplanocom.com.br](http://primeiroplanocom.com.br/site/)